

GESTÃO, GLOBALIZAÇÃO E TERRITÓRIO USADO¹

Zeno Soares Crocetti²

RESUMO

Esse artigo propõe debater as análises teóricas e concretas sobre a globalização, neoliberalismo e a sociedade do futuro. Iniciamos com uma avaliação crítica das análises interpretativas da globalização, neoliberalismo e período técnico científico informacional. Fizemos uma breve avaliação e um diagnóstico preliminar dessas crises e seu impacto na América do Sul e no território brasileiro.

Avaliamos o conceito de globalização e sociedade do futuro, bem como as novas estratégias da geopolítica brasileira e estadunidense.

Palavras-chave: território usado; geografia econômica; neoliberalismo; globalização e futuro

Management, globalization and territory used

ABSTRACT

This article aims to discuss the theoretical analysis and evidence on neoliberalism globalization and society of the future. We begin with a critical assessment of the interpretative analysis of globalization, neoliberalism and scientific technical informational period. We made a brief evaluation and a preliminary diagnosis of these crises and their impact on South America and in Brazil.

We evaluated the concept of globalization and the future society, as well as new strategic geopolitical Brazilian and USA.

Keywords: land use; economic geography; neoliberalism; globalization and the future

Sempre tive certa ojeriza pela palavra globalização. É claro que a aproximação das economias mundiais por meio das tecnologias de informática e telecomunicações, assim como a modernização dos métodos de produzir e de vender, abriu enormes oportunidades para novos negócios. (...)

(...) as distâncias entre os países tendem a aumentar cada vez mais, em lugar de diminuir. Ou seja, os países em desenvolvimento estão sofrendo um verdadeiro massacre no jogo da competição e da especulação internacional.

John Kenneth Galbraith, em entrevista concedida ao jornal italiano "Corriere della Sera", disse textualmente: "Globalização é um termo que eu não uso. Não é um conceito sério. Nós, os estadunidenses, o inventamos para dissimular nossa política de entrada econômica nos outros países e para legitimar os movimentos especulativos de capital, que sempre são causa de graves problemas".

(MORAES, 1997, p.2)

1. Introdução

Hoje é impossível entender o funcionamento das economias capitalistas sem considerar o progresso técnico. Mais do que nunca, o entendimento de como a tecnologia afeta a economia é vital para a compreensão do uso do território, do crescimento da riqueza dos países e da dinâmica das sociedades contemporâneas. Os processos de globalização trazem inúmeros

¹ Texto baseado na palestra proferida pelo autor no I Encontro Milton Santos da SEED-PR/BPP/ e Parque Newton Freire Maia em 01/06/2009.

² Professor de Geografia na Faculdades Espírita - Curitiba/PR. Especialista em Geopolítica, mestre e doutorando em Geografia na UFSC. E-mail: crocetti@cnpq.pq.br

desafios relacionados diretamente a este tema. O esforço tecnológico possui várias dimensões críticas, ao analisar a origem e a natureza das inovações, muitos autores concluem que as inovações transformam não apenas a economia, mas afetam profundamente toda a sociedade, pois pautam o funcionamento do território. Elas modificam a realidade econômica e social, além de aumentarem a capacidade de acumulação de riqueza e geração de renda.

O objetivo desse ensaio é o discorrer a respeito de algumas análises teóricas e concretas sobre a globalização, neoliberalismo e a sociedade do futuro, ainda que represente um resultado preliminar de uma pesquisa mais ampla sobre o funcionamento dos grandes capitais na estruturação do território. A análise será desenvolvida valendo-se, principalmente, das reflexões de Santos, Toffler e Chandler principalmente. Procurou-se então lançar elementos para uma discussão das bases do funcionamento do território a partir de dados macro econômicos que espacializam o funcionamento na economia no território

É necessário apreender a leitura do território a partir do seu uso, do movimento do conjunto e da parte, isso é, interpretando o território como autor, não só como palco, mas como papel ativo! Pois o território pertence à área de vivência, de domínio, de destino no futuro. Pois ao longo de nossa história o território foi pensado e usado de várias formas e modos, daí a necessidade de interpretar seus sistemas de ações.

O Espaço Geográfico concebido como um cimento de objetos mediados pela práxis social. Como diria Milton Santos, são formas híbridas/técnicas que constituem o território usado, a periodização serve para espacializar e desvendar as técnicas, o meio político, artífice do espaço, mediado pelo Estado, pelas corporações, que projetam o novo, ocultando o velho.

Em seu livro, *O choque do futuro*, termo cunhado em 1965 por Toffler, para sintetizar a tensão e a desorientação que as pessoas sofrem quando estão sujeitas a uma carga excessiva de mudança em um prazo demasiadamente curto. Além disso, essas mudanças não ocorrem de modo uniforme, nem atingem a todas as pessoas do mesmo modo. O resultado é que estamos obrigados a conviver com indivíduos que apresentam reações desiguais e adaptações diferentes às mudanças; que têm concepções morais e valores éticos diferentes, assim como comportamentos diferentes.

2. Historicidade

O Sistema Mundial Moderno está chegando ao fim. Mas serão precisos no mínimo mais 50 anos de crise terminal, ou seja, de 'caos', antes que possamos ver surgir uma nova ordem social. Nossa missão atual e nos próximos 50 anos é a missão dos utopistas. Trata-se da tarefa de imaginar e empenhar-se em criar essa nova ordem social. (WALLERSTEIN, 2002, p. 27.)

Entre 1870 e 1914, a Europa Ocidental e os Estados Unidos arquitetaram a conquista política, econômica e cultural da África, Ásia, Oceania e América Latina. Repartiram o mundo entre si e organizaram poderosos impérios coloniais que só tinham em comum o desenvolvimento da acumulação capitalista. Vide tabelas 1 e 2.

Este período ficou conhecido como imperialista e as causas desta expansão foram diversas. No entanto, todas se relacionam com o desenvolvimento do capitalismo industrial nos países imperialistas.

Tabela 1: Investimentos Externos (% sobre o total mundial)

Países	1914	1930	1970	1992
Reino Unido	50	38	15	13
Alemanha e França	40	40	09	12
Estados Unidos	06	15	52	58

Fonte: Banco Mundial WIR, 1997.

Efetivamente, o desenvolvimento capitalista destes países associado a um crescimento demográfico que se processava desde o século XVIII, significou uma transformação acelerada na estrutura econômica e nos hábitos sociais destes países. O desenvolvimento industrial ampliou a demanda de matérias-primas, muito das quais se produziam em condições mais vantajosas fora da Europa e EUA, e, ao mesmo tempo, o aumento na produção de artigos industriais ia ampliando a necessidade de mercados exteriores que consumissem os excedentes. Por outro lado, o crescimento das populações urbanas fez aumentar a demanda de alimentos, cuja produção na Europa havia diminuído pelo êxodo rural ou simplesmente porque se tornara mais barato comprá-los em mercados externos.

Contudo, o imperialismo tinha outras intenções e razões mais sutis e menos transparentes. A conquista militar e política de milhões de seres humanos e outras culturas foi induzido pela exportação de capitais que não rendiam juros suficientes na Europa. Esta forma de penetração é conhecida como imperialismo financeiro, comandado por poderosos monopólios de banqueiros, investidores e industriais.

Foi precisamente na Inglaterra, em 1902, que surgiu uma primeira obra marcante sobre o problema do imperialismo, escrita por John A. Hobson. O seu livro *Imperialismo: um estudo* tinha por objetivo criticar as guerras imperialistas travadas pela Inglaterra na África do Sul e na China. Para HOBSON, o imperialismo é um desvio que surge da conquista por territórios e mercados para a produção excedente de mercadorias nos países centrais

industrializados. Mas a raiz do problema e a sua solução podem ser localizadas na própria Inglaterra. O precário poder de consumo das classes trabalhadoras e médias explicaria o excedente de mercadorias, enquanto a concentração de riqueza sem conseqüente capacidade de consumo geraria não só o rentismo como a especulação nos territórios coloniais sob a guarida do governo. O resultado é a formação de uma camada social de parasitas que vive da aventura imperialista e da exploração do trabalho dos povos colonizados.

O fator econômico mais importante, em todos os lugares, é o capital excessivo em busca de investimento. É admitido por todos os homens de negócios, que quando o crescimento do poder de produção no seu país exceder o crescimento do consumo, ou seja, quando mais bens podem ser produzidos do que podem ser vendidos com lucro, existe capital que pode encontrar o investimento lucrativo. Então o crescente cosmopolitismo do capital constituiu-se na mudança econômica mais notável que se registrou nas últimas gerações. Todas as nações industrialmente desenvolvidas trataram de colocar uma grande parte de seu capital fora dos limites de sua própria área política, em países estrangeiros ou em colônias, e de receber uma renda cada vez mais alta por este investimento (HOBSON, “1902”; 1981, p. 38 e 56).

E mais adiante arremata:

A riqueza destes grupos financeiros, a magnitude de suas operações e suas ramificações organizativas espalhadas por todo o mundo convertem-nos em elementos decisivos e fundamentais na marcha da política imperial. Têm mais interesses do que ninguém nas atividades imperialistas e os maiores meios de impor sua vontade às decisões políticas nas nações (HOBSON, “1902”; 1981, p. 38 e 56).

Anos depois, outros autores retomaram as idéias de Hobson e tornaram-nas mais precisas. Lênin definia este processo histórico da seguinte forma:

O imperialismo é um capitalismo na fase de desenvolvimento, quando tomou corpo a dominação dos monopólios e do capital financeiro, quando ganhou significativa importância à exportação de capitais, quando, iniciou-se a partilha do mundo pelos trustes internacionais e terminou a repartição de toda a terra entre os países capitalistas mais importantes (LENIN, “1916”, 2005, p. 17).

Isto significava prognosticar um período de guerras e revoluções como conseqüência da luta entre os países imperialistas, entre os monopólios internacionais, pelos mercados externos e melhores condições para arrancar lucros maiores. Conforme demonstra a tabela 1 e 2.

Tabela 2: PIB Gerado na Indústria (%)

Países	1970	1990	1998	2005
Estados Unidos	35	30	26	23
Japão	47	42	37	26
Alemanha	49	40	30	25
Reino Unido	39	35	31	26
China	42	44	49	53
Brasil	36	34	35	29

Fonte: OMC e Banco Mundial WIR, 2008.

De fato, os grandes trustes internacionais, muitos dos quais dariam origem às grandes empresas multinacionais de hoje, nasceram em fins do século XIX. Antes de 1914, existiam 122 trustes de origem estadunidense, 60 inglesas e 167 francesas, alemãs e suíças.

Particularmente, os monopólios que associavam o grande capital industrial e poderosos bancos foram um fenômeno característico da economia estadunidense e alemã dessa época, e, de forma menos intensa, na Grã-Bretanha e França.

3. Capitalismo social?

O economista Peter (DRUCKER, 1999) propôs o pós-capitalismo afirmando que, no futuro, o mercado continuará sendo importante, mas com uma diferença: estará necessariamente pactuado com o cidadão em um contrato social. Será o capitalismo social, com dimensão humana, ou não será coisa alguma.

Ele imaginou num futuro próximo, o capitalismo do conhecimento e argumentou: a terra, o capital e o trabalho estão produzindo lucros cada vez menores, e a mão-de-obra barata já não tem mais importância na competitividade. A tecnologia que rende cada vez mais é o conhecimento, e ele acreditava que, no futuro, o maior e melhor capital estará nas patentes e na tecnologia do saber fazer, na experiência comprovada.

Como afirmou Drucker às mudanças também são econômicas, sociais, culturais, políticas, religiosas, institucionais e até mesmo filosóficas ou, mais precisamente, epistemológicas. Uma nova civilização está nascendo que envolve uma nova maneira de viver.

Entretanto nos dias atuais, as pressões sociais são cada vez mais fortes e ameaçam ficar insuportáveis, porque o que provoca a violência não é a pobreza, mas a exclusão. A globalização, a estrutura operacional do neoliberalismo, defende radicalmente o livre mercado e sua única preocupação é a produção. O que importa é agregar valor ao produto e o

fundamento são qualidade, competitividade e rentabilidade. Nunca, na História, o desemprego foi tão grande e à economia neoliberal repugna custear a sobrevivência da saúde (vide Obama nos EUA), da educação (vide Cameron no Reino Unido) e da previdência (vide Sarkozy na França) dos explorados e excluídos. Em busca dos resultados contábeis os neoliberais fazem aumentar cada vez mais a distância entre ricos e pobres, encaminhando os excluídos para os guetos. Como apregou Vivian Forrester em seu texto, *O Horror Econômico*;

vivemos em meio a um engodo magistral, um mundo desaparecido que teimamos em não reconhecer como tal e que certas políticas artificiais pretendem perpetuar.”
“Quando tomaremos consciência de que não há crise, nem crises, mas mutação? Não mutação de uma sociedade, mas mutação brutal de uma civilização? (FORRESTER, 1997, p. 7-8)

Na avaliação de (TOFFLER, 1980, p. 137-38 e 270-88:), os habitantes do planeta Terra estão divididos por tipos de ritmo. Um grupo ainda vive colhendo alimentos e caçando para sobreviver, como o ser humano costumava fazer há milênios, ou seja, os que dependem basicamente da agricultura. Vivem no passado e somam cerca de 63% da população. A maioria dessas pessoas depende da agricultura, comem carne de gado criado, mas podem ser encontradas nas cidades da sociedade industrializada onde têm uma vida moderna.

Cerca de 32% do total levam uma vida moldada pela primeira metade do século 20, pela mecanização e pela educação de massa. Essas são as pessoas do presente.

E há os que não são mais pessoas do passado e nem mesmo do presente, porque vivem aceleradamente, participando ativamente das transformações culturais e tecnológicas, vivendo o futuro. São os agentes avançados da sociedade, os pioneiros do amanhã, anunciando o futuro super-industrial. Elas totalizam apenas 5% do total da população...

E Toffler finaliza, os 2% que faltam *droparam*, isto é, desistiram do ritmo mais rápido, das grandes cidades, da competitividade, desengajaram-se.

4. A globalização tirânica

Os ideólogos do neoliberalismo estadunidense aproveitaram a oportunidade para reivindicar o futuro em seu nome. Inspirados por Marshall McLuhan, não demoraram a descobrir as pessoas, em número cada vez maior, que estavam desenvolvendo novas tecnologias da informação (McLUHAN; 1964). Há quase 30 anos eles vêm prevendo que as novas tecnologias iriam gerar uma civilização utópica: a sociedade da informação. O casal Toffler, por exemplo, se convenceu a muito tempo de que a convergência da informática, das telecomunicações e da mídia iria libertar os indivíduos tanto das garras das grandes empresas quanto do governo imperialista (CROCETTI, 2003, p.11).

Santos (1996) fez algumas reflexões a respeito da aceleração do tempo. A diferença de ritmo e a indiferença ao tempo podem ser extremamente irritantes. O paulista diz que os nordestinos são preguiçosos, porque a vida deles é regulada por outro ritmo. Cada cultura tem seu ritmo próprio, mas os alemães não suportam a lentidão e os atrasos dos trabalhadores turcos. Os italianos de Milão desprezam os lentos sicilianos. Os suecos não conseguem entender o devagar-e-sempre dos lapões. Os estadunidenses desprezam os mexicanos que deixam para amanhã o que podem fazer hoje. E o poeta nordestino Ascenso Ferreira diverte-se com a pressa dos gaúchos, cavalgando a toda. Pra quê? Pra nada.

O resultado mais sensível dessa pressa, desse ritmo frenético, da nova sensação de tempo, é a transitoriedade, o clima e o sentimento de impermanência. Filósofos e teólogos sempre disseram que o ser humano é efêmero e que a transitoriedade é parte da própria vida. Só que, hoje em dia, a impermanência é mais aguda, mais profunda.

Para (TOFFLER, 1980, p. 270-88) as relações fragilizaram-se, com as pessoas, com os lugares, com as instituições, com as idéias e isto é que forma um tecido social que está esgarçado.

Isto criou o consumismo, onde o ter é mais importante do que o ser, um sentimento que vem sendo tão exagerado que, insistimos já não basta ter, é preciso ter um novo.

No passado, a permanência era o ideal. Todas as energias criativas e produtivas eram centradas em dar a durabilidade máxima, com qualidade, aos produtos. O ser humano fazia para durar e uma das conseqüências disso era uma sociedade estável.

No uso do território hoje, a tecnologia desenvolvida esta baixando os custos dos manufaturados muito mais rapidamente do que os custos dos consertos, porque um é automatizado, é produto da 3ª Revolução Industrial e o outro ainda é artesanal. Frequentemente é mais barato substituir do que consertar. E, do ponto de vista da economia, é melhor produzir produtos baratos e descartáveis do que produtos caros que possam ser consertados.

A história do homem sobre a terra é a história de uma ruptura progressiva entre o homem e o entorno. Esse processo se acelera quando, praticamente ao mesmo tempo, o homem se descobre como indivíduo e inicia a mecanização do Planeta, armando-se de novos instrumentos para poder dominá-lo. A natureza artificializada marca uma grande mudança na história da natureza humana. Hoje, com a tecnociência, alcançamos o estágio supremo dessa evolução.” (...)

(...) A memória olha para o passado. A nova consciência olha para o futuro. O espaço é um dado fundamental nesta descoberta (SANTOS, 2000, p. 57-63).

Além disso, a tecnologia avançada produz, em grande velocidade, produtos cada vez melhores. Cada geração de computadores é bem melhor do que a anterior e os intervalos

dessa melhora são cada vez mais curtos, além da ultra velocidade da obsolescência, que transforma tudo em sucata num piscar de olhos.

À medida que a mudança é acelerada, atinge recantos cada vez mais remotos da sociedade e quase tudo, hoje, é efêmero, de consumo rápido, descartável, substituível, o que torna a própria sociedade instável e impermanente.

5. As metamorfoses do tempo

Embora necessárias à sobrevivência do capitalismo, as implicações sociais do crescimento econômico sempre assustaram a elite direita reacionária. A longo prazo, a industrialização contínua vai enfraquecendo os privilégios de classe. À medida que sua renda cresce, as pessoas comuns conseguem influir cada vez mais sobre as preocupações políticas e as atitudes culturais da sociedade. Como resultado, gerações sucessivas da Elite Conservadora vêm enfrentando o dilema de como reconciliar expansão econômica com estase social. Apesar de suas divergências ideológicas, todos propõem a mesma solução: a formação de uma aristocracia da alta tecnologia (ORTEGA Y GASSET, 1987).

A humanidade já provou ser a mais adaptável dentre todas as formas de vida. E, por isso mesmo, é uma sobrevivente que fez sucesso e dominou todas as outras espécies. Mas o homem é um biosistema e todos os sistemas desse tipo atuam dentro de limites que não podem ser transpostos. Há limites quanto à carga de mudanças que o organismo pode absorver e algumas exigências serão intoleráveis.

Segundo o estudo dos biólogos sobre a adaptação, eles fizeram uma relação das mudanças com a saúde física e mental das pessoas atingidas pelo impacto que essas mudanças provocam. Quanto maior o impacto das mudanças, maior a probabilidade de adoecer de modo sério. O que possibilitou definir que se nos submetermos a um número grande de mudanças de vida dentro de um período relativamente curto, isto representará um grande desafio para o nosso corpo e para o nosso espírito, pelo esmagamento dos mecanismos de adaptação. Essas foram algumas reflexões repercutidas por (TOFFLER, 1970, p.143-48).

Ou seja, toda mudança tem um peso fisiológico e psicológico; e quanto mais radical a mudança, maior o preço a pagar nessa sociedade em permanente mudança e quase sem valores permanentes.

6. O mundo construído por Toffler

Há uma nova riqueza se criando e ela não se conta em dinheiro. Quando riqueza se contava em terra, ela era limitada. (...) Só dá para plantar uma coisa por vez. Na era da informação, todos podemos usar o mesmo conhecimento ao mesmo tempo. (...)

Os economistas ainda não descobriram como contar estes valores produzidos de graça. Mas é o que está mudando tudo (TOFFLER, 1980, p.28-32.)

As grandes transformações da humanidade segundo (TOFFLER, 1980, p. 250-88). Ele sugeriu que nossa história poderia ser contada em três grandes ondas.

A Onda agrícola: a primeira grande mudança foi quando a raça humana passou de uma civilização tipicamente nômade para uma civilização basicamente agrícola, sedentária. Isso se deu cerca de 10 mil anos atrás.

A Onda Industrial: a segunda vez foi quando a raça humana passou de sua civilização predominantemente agrícola para uma civilização basicamente industrial. O início dessa mudança se deu há cerca de 300 anos, na Europa depois nos Estados Unidos, mas muitas regiões do mundo ainda não atingiram esse estágio.

“Quando você depende de uma linha de montagem, que é a idéia da indústria”, ele sugere, “a pontualidade é muito importante”. O mundo industrial inventou o relógio de pulso. Todos precisavam estar sincronizados. No campo, se o sujeito chega às 7 horas para plantar, ou se chega às 8 horas, faz pouca diferença.

Na linha de montagem, em que um aperta o parafuso que o anterior encaixou, precisam todos estar ao mesmo tempo no mesmo local. “Hoje, mais que o horário de 08h00 as 18h00 o importante é a produtividade.”

A Onda Tecnológica: a terceira revolução está acontecendo agora. Estamos vivendo a transição para a terceira onda. A tecnológica. Ela começou a acontecer por volta de 1955 nos Estados Unidos e em alguns outros países que estavam no auge do seu desenvolvimento industrial; Alemanha, Japão, Reino Unido, França, mais tarde, Coreia do Sul, Itália, Espanha, Austrália, e agora na China, etc.

O seu livro *A Terceira Onda* teve lançamento internacional na década de 80 do século XX. Inicialmente proibido na China, foi liberado pelo Comitê Central do Partido Comunista. O livro estourou na China e foi a segunda obra mais vendida na década de 80, só perdeu para as obras reunidas de Deng Xioping. Toffler foi consultor de Zhao Ziyang, secretário geral do Partido Comunista Chinês, responsável pelas transformações na China.

Na primeira onda a forma de criar riqueza era cultivando a terra. Os meios de produção de riqueza eram, portanto, a terra, alguns implementos agrícolas (a tecnologia incipiente da época), os insumos básicos (sementes), e o trabalho do ser humano (e de animais), que fornecia toda a energia que era necessária para o processo produtivo. Do ser humano se esperava apenas que tivesse um mínimo de conhecimento sobre quando e como plantar e colher e a força física para trabalhar. Essa forma de produção de riquezas trouxe profundas

transformações sociais, culturais, políticas, filosóficas, institucionais, etc., em relação ao que existia na civilização que a precedeu (civilização nômade).

Na segunda onda, a forma de criar riqueza passou a ser a manufatura industrial e o comércio de bens. Os meios de produção de riqueza se alteraram. A terra deixou de ser tão importante, mas, por outro lado, prédios (fábricas), equipamentos, energia para tocar os equipamentos, matéria prima, o trabalho do ser humano, e, naturalmente o capital (dada à necessidade de grandes investimentos iniciais) passaram a assumir um papel essencial enquanto meios de produção. Do ser humano passou a se esperar que pudesse entender ordens e instruções, que fosse disciplinado e que, na maioria dos casos, tivesse força física para trabalhar. Essa nova forma de produção de riquezas também trouxe profundas transformações sociais, culturais, políticas, filosóficas, institucionais, etc., em relação ao que existiam na civilização predominantemente agrícola. Nós todos conhecemos bem as características desta civilização industrial, porque nascemos nela e, em grande parte, ainda continuamos a viver nela.

Na terceira onda, a principal inovação está no fato de que o conhecimento passou a ser, não um meio adicional de produção de riquezas, mas, sim, o meio dominante. Na medida em que ele se faz presente, é possível reduzir a participação de todos os outros meios no processo de produção. O conhecimento, na verdade, se tornou o substituto último de todos os outros meios de produção. Na guerra, por exemplo, um centímetro quadrado de silício, na forma de um chip programado, pode substituir uma tonelada de urânio. O conhecimento se tornou ingrediente indispensável de armamentos inteligentes, que são programáveis para atingir alvos específicos e selecionados. Para derrotar o inimigo, freqüentemente basta destruir seu sistema de informações.

É preciso ressaltar que, na civilização da terceira onda, as coisas mais importantes em uma empresa ou uma organização são intangíveis. Na segunda onda media-se a importância ou o valor de uma empresa ou organização pelo número de prédios, equipamentos e funcionários que ela possuía, ou pela quantidade de sua produção ou de seu balanço — tudo muito tangível, facilmente mensurável. Na terceira onda, a importância e o valor de uma empresa ou organização é o conhecimento que ela possui — e esse conhecimento existe dentro da cabeça das pessoas que lá trabalham, sendo, portanto, intangível e difícil de quantificar.

Da segunda para a terceira onda está havendo uma mudança da produção em série, em massa para a produção em escopo, desmassificada. Para o lote de produção pequeno (até de um), para a adaptação do produto ao que o consumidor deseja (ao invés do que acontece na

civilização industrial, em que se tenta adaptar o desejo do consumidor ao padrão que está sendo produzido).

A civilização da terceira onda tem sido chamada de sociedade da informação. Poucos se perguntam por que a informação se tornou tão importante na terceira onda. A razão está no fato de que os sistemas sociais, isto é, a sociedade, se desmassificou, e, conseqüentemente, se complexificou, a tal ponto que, hoje, é impossível geri-la sem informação e sem tecnologia da informação (computadores e telecomunicações).

Milton Santos classificou esse processo de uso intensivo do território de *Período Técnico Científico Informacional*, onde ocorre uma mudança na própria natureza do trabalho. Durante a primeira e a segunda onda o paradigma implantado foi o fordista/taylorista baseado apenas na habilidade, ou seja, o trabalho era basicamente físico, muscular. O trabalhador era treinado a não fazer perguntas, não pensar, não inovar. Quanto menos o trabalhador pensava menos criativo ele era, mais o empregador gostava dele.

Mas hoje, exige-se do trabalhador que ele seja preparado, que pense e seja criativo. O modelo gestado para a globalização neoliberal foi o toyotista, baseado na competência. Exemplo comprovado na Guerra do Golfo em 1991 os Estados Unidos tiveram os soldados mais bem preparados que jamais existiram. Estavam lidando com alta tecnologia. Um soldado mal preparado ou estúpido pode causar mais estrago entre suas próprias forças do que no inimigo. Apesar desse preparo, morreram mais soldados estadunidenses por erros cometidos por eles mesmos ou por seus colegas do que em decorrência do fogo inimigo. Numa guerra como aquela, um soldado despreparado é uma ameaça constante.

Na economia da civilização da segunda onda, as indústrias criavam um produto e o fabricavam durante muito tempo, sem maiores alterações. Na economia da civilização da terceira onda, é necessário que produtos sejam constantemente melhorados, modificados, sendo, portanto, necessário um alto grau de inovação por parte das empresas, e, por conseguinte, de seus funcionários. Para que isso aconteça é necessário criar um clima organizacional propício a inovações, em que os funcionários não tenham receio de ser diferentes, de criar, em que tenham liberdade de fazer as coisas de maneira diferente, de propor novas linhas de atuação, etc. Para que isso aconteça, é necessário que a estrutura organizacional da empresa seja mais rasa, sem muitos níveis hierárquicos, que o exercício da autoridade seja mais brando, que haja maior participação dos funcionários na tomada de decisão acerca daquilo que lhes afeta, etc.

7. Chandler o grande historiador econômico

Os empreendedores de Schumpeter foram os criadores de um novo produto, geralmente baseado em nova tecnologia. Por seu lado, os gestores referidos em «The Visible Hand» foram os que criaram a organização indispensável para capturar as economias de escopo (competência e diversificação) e de escala. Por exemplo, Henry Ford foi o empreendedor que inventou a moderna indústria automóvel e com o seu método de produção em massa fabricou o célebre modelo T. Alfred Sloan, por seu lado, foi o tipo de gestor clássico que criou a estrutura empresarial essencial para se tirar proveito das economias de escopo e de escala. Em 1921, quando Sloan tomou a seu cargo a General Motors, esta empresa detinha 13% do mercado americano. A Ford detinha 56%. Em 1927, depois de Sloan ter concluído e inteiramente introduzido a estrutura empresarial operativa multidivisional, a quota liderada por Henry Ford era de 9% e a de Alfred Sloan era de 44%. A Ford não teve alternativa senão ajustar-se à estratégia e à estrutura da GM (CHANDLER, 1990, p.113).

Chandler chamou à atenção para uma ruptura histórica — a passagem do capitalismo industrial típico ligado à Revolução Industrial para o que designou de capitalismo “gestionário”.

Este modelo começou nos anos 80/90 do século XIX, depois da Grande Depressão da época, e estendeu-se até final dos anos 20 do século XX. Consistiu na transição da direção pessoal das empresas pelos capitães de indústria para uma nova elite de profissionais que não detinham a propriedade das empresas, mas que exerciam o poder real no plano estratégico.

O surgimento desta hierarquia integradora dentro das organizações derivou da complexidade que os novos sectores de negócio emergentes revelavam. Os meios modernos de transporte e de comunicação — as ferrovias (boom a partir de 1830) e do telefone (arranque com Bell em 1876) — e depois a produção em massa (criada por Henry Ford uns anos depois da fundação da Ford em 1903 em Detroit) e a moderna distribuição exigiam “a introdução de capacidades organizativas e a separação entre a propriedade e a gestão”, destacou Chandler, que estudou quatro grandes companhias – a *General Motors* (GM), a *Standard Oil*, a *du Pont* e a *Sears, Roebuck & Co.*

O caso mais emblemático dessa mudança foi a GM nos Estados Unidos. Em 1923, Alfred Sloan chegava à liderança da empresa, pela mão dos seus novos proprietários majoritários (a família du Pont) que afastaram William Durant (que fora o fundador da GM em 1908), e num curto período de dois anos instituiria a arquitetura fundamental da grande empresa moderna — o que os estadunidenses designaram por “*corporation*” com uma estrutura multidivisional e uma equipe de gestores especializados em diversas funções.

Este novo tipo de organização entusiasmou Chandler que viu nela “uma nova instituição humana” pioneira de uma nova era. Peter Drucker se deixou seduzir, parcialmente, por ela, ao

escrever em 1946 "*Concept of Corporation*", dezesseis anos antes. Chandler viu, também, o surgimento de um novo tipo de "homem econômico" — o gestor, um profissional do conhecimento organizacional, que uma década antes Chester Barnard designara por "executivo" em "As Funções do Executivo" (publicado em 1938), baseado na sua própria experiência à frente da Bell de Nova Jersey em 1920.

Chandler somou A+B e descreveu a "revolução da gestão" (já com várias dezenas de anos de prática) no preciso momento — anos 60 do século XX — em que se assistiu à massificação da profissão da gestão, com o desenvolvimento de uma camada de gestores intermediários, que seriam um dos setores sociais em crescimento na classe média estadunidense. A quantidade de fusões e aquisições do pós-guerra, a explosão da diversificação, o arranque da internacionalização das jovens multinacionais, e a nova revolução tecnológica (ligada ao transistor — chip — e ao transporte aéreo), fizeram crescer a estrutura multidivisional — as "corporações" passaram de 10 divisões no máximo em média para 40 a 70! Não bastava uma elite, era necessário um batalhão de gestores.

Chandler refletiu em várias direções e deu visibilidade ao papel histórico das "corporações". De uma só vez, combateu várias interpretações ideológicas. Contrariou a idéia de que as grandes empresas eram "rentistas", lideradas pelos barões-ladrões, e defendeu que o monopólio ou oligopólio em determinados segmentos e nichos era economicamente prejudicial e moralmente inaceitável. Chandler despolitizou a carga negativa sobre o mundo dos grandes negócios. Deu-lhe uma razão histórica progressiva — a passagem de um capitalismo para outro. Houve rumores que Alfred Chandler "perdeu" a indicação para o Nobel da Economia porque resolveu bater na "vaca sagrada" da economia clássica — Adam Smith.

Escreveu em 1977, *A Mão Visível*, onde explicou e revelou que a revolução dos negócios nos EUA era *a gestão, os gestores e as corporações que mandavam*, e não mais o mercado, a tal "mão invisível".

Um pouco antes de sua morte em 2002 reafirmou que a "estratégia continua ser o destino da gestão das organizações". Recorda que a obra de Chester Barnard, escrita quase 30 anos antes, o influenciou e que foi um desafio em 1954 com outro amigo e colega do Colégio de Guerra da Armada estadunidense que o levou a escrever a sua obra mais importante "Estratégia e Estrutura". Chandler presta homenagem a Alfred Sloan pelo seu trabalho pioneiro na GM nos anos 20 e refere-se a Andy Grove da Intel como exemplos recentes dentro da mesma linha de inovação prática em gestão.

8. O centro do período Técnico-científico Informacional

Antes de prosseguir é importante esclarecer a diferenciação entre (1) invenção, (2) inovação e (3) difusão.

A invenção (1) é a criação do novo. Pode ser um novo produto ou uma nova forma de produzir, por exemplo. Nem sempre uma invenção será posta em uso, pois ela deve se submeter ao econômico. Uma inovação (2) é a aplicação de uma invenção que seja economicamente viável. A difusão (3) é a popularização da inovação para o setor produtivo.

Na civilização da terceira onda, há uma tendência na direção do pequeno: menores unidades, menores escalas (é só verificar as gôndolas dos supermercados para comprovar a tendência da diminuição de embalagens e quantidades). Os maiores negócios, em termos de rentabilidade, começam a serem os menores negócios. A enorme IBM, que chegou a ter 370.000 funcionários, vem sendo minada por um grupo enorme de empresas menores, em alguns casos bem pequenas, em comparação as gigantes do passado. A justificativa que existia para aumentar o tamanho da empresa era a necessidade de produzir em alta escala, para reduzir o custo unitário. Contudo, para produzir lotes enormes de produtos, acabou sendo necessário criar uma estrutura administrativa que se tornou burocratizada e pesada e que acabou por se tornar ineficiente e, assim, eliminar o ganho que haveria com a economia de escala. Hoje, tamanho grande freqüentemente implica deseconomia de escala, porque se pode ganhar dinheiro em grandes lotes, mas perder dinheiro por ineficiência administrativa e logística.

À medida que os sistemas se tornam mais complexos, é o período de desintegração, e, conseqüentemente, a necessidade de integração dos sistemas, através da informação e da tecnologia de informação. Citado pela revista (Exame, nº 771, 2002) a Nabisco atende a cerca de 500 pedidos por dia, fabricados em mais de 20 locais diferentes, distribuídos através de cerca de 45 centros de distribuição distintos, levando em conta mais de 600 arranjos promocionais a cada momento. Seria impossível fazer isso sem integração dos sistemas.

Rapidez, na terceira onda, é um componente crítico do sucesso. Por isso inventaram o *Just in Time Manufacturing*, *Concurrent Engineering*, etc. Se o dinheiro se movimenta na velocidade da luz, a informação tem que andar mais depressa ainda. Tempo = dinheiro, dizia-se. Hoje é preciso dizer que cada intervalo de tempo = mais dinheiro. O processo está em aceleração.

Por causa de todas as características anteriores, a comunicação, ou o desenvolvimento de infraestruturas eletrônicas, se torna uma prioridade indispensável na civilização da terceira

onda. Entretanto, mesmo um país como os Estados Unidos, onde o Vice-Presidente entende de tecnologia, se alocam recursos da ordem de um bilhão de dólares para a *National Research and Educational Network* (NREN) e cem vezes mais para estradas de rodagem. A política, na verdade, anda muito mais devagar do que a economia.

O tipo de infraestrutura que um país constrói mostra se seus líderes entendem o futuro. Na China de hoje os planejadores estão dizendo que é mais importante esparramar telefones pelo país do que estradas. O telefone celular já está na China há algum tempo, e os planos de investimento são assustadores. Contrastemos isso com a Venezuela dos anos 1970 a 1990, que, nadando em recursos oriundos da venda de petróleo, resolveu investir numa infraestrutura da segunda onda (tanques de petróleo, refinarias, estrada de ferro). Mas recentemente o governo Chavez depois de passar por muitas dificuldades tenta mudar o destino do país.

Uma infraestrutura eletrônica e computadorizada é indispensável para acelerar as mudanças e tudo o mais.

Na civilização da terceira onda o planejamento deve ser antecipatório, e deve prever o fato de que a mudança de estruturas econômicas, sociais e políticas frequentemente causam conflito e perturbação da ordem. É preciso estar preparado para isso.

O poder já mudou de mãos na civilização da terceira onda, mas as estruturas políticas ainda não acompanharam na devida importância. Estamos vivendo época semelhante à que precedeu a Revolução Francesa, em que a burguesia já havia tomado conta do poder informal, mas as estruturas políticas não haviam ainda se adequado a essa realidade. Houve naquela época conflito entre as elites agrárias e feudais, de um lado, e a burguesia, de outro, entre a agricultura, de um lado, e a indústria e o comércio, de outro. A burguesia ganhou, mas isso frequentemente custou um preço alto. Houve guerras civis, guerras entre países, imigração em massa, todos os tipos de problemas sociais sérios. Vai haver conflito semelhante agora, entre as elites da civilização da segunda onda e aquela que vai se tornar a nova classe dominante: a classe daqueles que trabalham com o conhecimento ou com serviços em que a informação tem um papel intensivo. Temos que compreender que somos atores em uma revolução que está introduzindo uma nova civilização que nem sempre será bem-vinda.

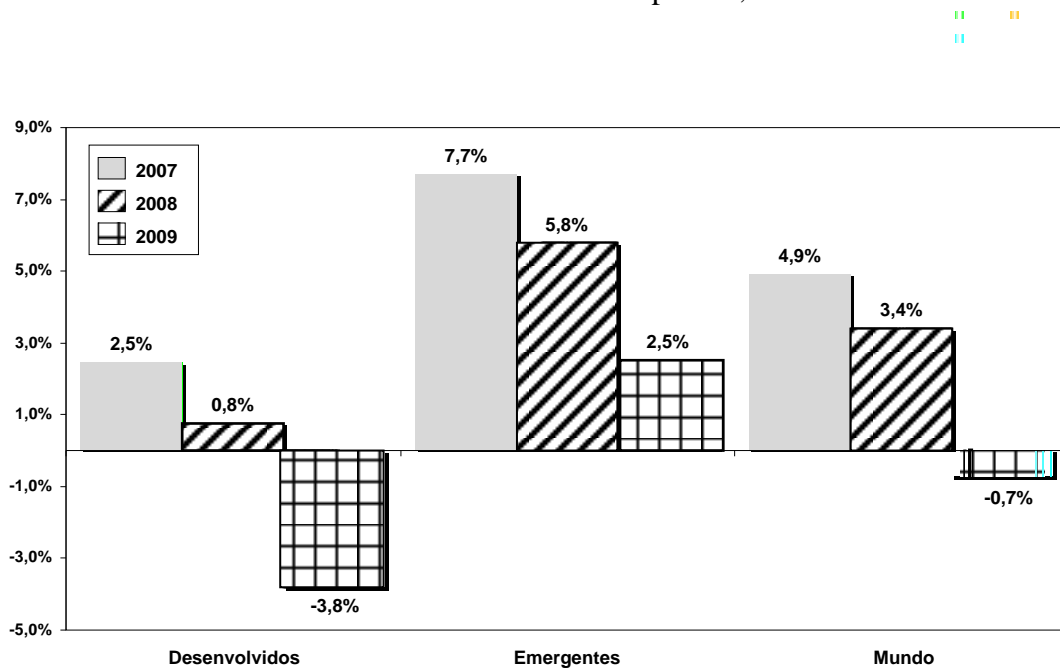
9. A periferia se rebela

No Brasil, há várias ondas atuando simultaneamente. Em regiões do país a revolução agrícola da primeira onda ainda está virtualmente começando: estão derrubando florestas para

plantar várias culturas. Em outras regiões, o país está claramente na segunda onda. Em outros, está no centro da terceira onda. Isso está acontecendo em vários outros países. Na China, na Índia, é comum encontrar pessoas com telefones celulares e notebooks. Esses bolsões, ou essas ilhas, de terceira onda têm mais em comum com os correspondentes bolsões nos países desenvolvidos do que com outras regiões de seus próprios países.

É preciso ressaltar que, durante a civilização industrial, a grande divisão não era entre países capitalistas e países socialistas, mas, sim, entre países industrializados e países não industrializados. As diferenças entre dois países industrializados, mesmo que um seja capitalista e outro socialista é bem menor do que as diferenças entre um país industrializado e um país não-industrializado, não importa se sejam capitalistas ou socialistas. De igual forma, a grande divisão será entre países, ou, melhor dizendo, regiões da terceira onda e regiões da segunda ou mesmo da primeira onda. O gráfico 1 tenta demonstrar esse fenômeno.

Gráfico 1: crescimento mundial comparado, 2007 – 2009.



Fonte: FMI, 2009.

No conflito ocorrerão as grandes batalhas, que não serão para controlar as fontes de matérias primas, de energia, no presente e num futuro próximo até pode ser, mas deverão ocorrer para controlar e dominar a proteção da propriedade industrial, domínio e controle das sementes geneticamente modificadas, o controle e direito de acesso a bases de dados, sobre

controle e direito de acessos a canais de comunicação, sobre o domínio de mercados de produtos e serviços inteligentes.

Os países ou as regiões que perceberem isso e se prepararem para isso vão ser os países e regiões que deterão o poder na terceira onda. Vários países asiáticos perceberam isso há muito tempo. O Japão primeiro, os tigres asiáticos depois, a China hoje. Eles desenvolveram uma estratégia clara para entrar e ser bem sucedidos na terceira onda. Eles perceberam que a questão básica, não é só tecnologia. A questão básica diz respeito ao fato de que a forma de produção de riquezas e, em seguida, a estrutura de poder, estão se alterando no mundo inteiro.

10. Para onde vai o Brasil nesse “novo” mundo?

EM 2006 Toffler surpreendeu o mundo como sua 4ª onda, ou seja, as mudanças caóticas no mundo, da biotecnologia e da bioeconomia, desse híbrido sai a 4ª Onda. Ela marca um estágio civilizacional sem precedentes na história da humanidade e imprime características únicas à economia.

Toffler (2007) definiu uma dezena de etapas para tipificar a nova economia, que “já não assenta nos músculos, mas no cérebro”, é “intangível, mas manipulável”, comporta a “interação de conhecimentos sob regras contextuais diferentes”, suprime as distâncias, passa pela “compressão dos dados” e pela “partilha”.

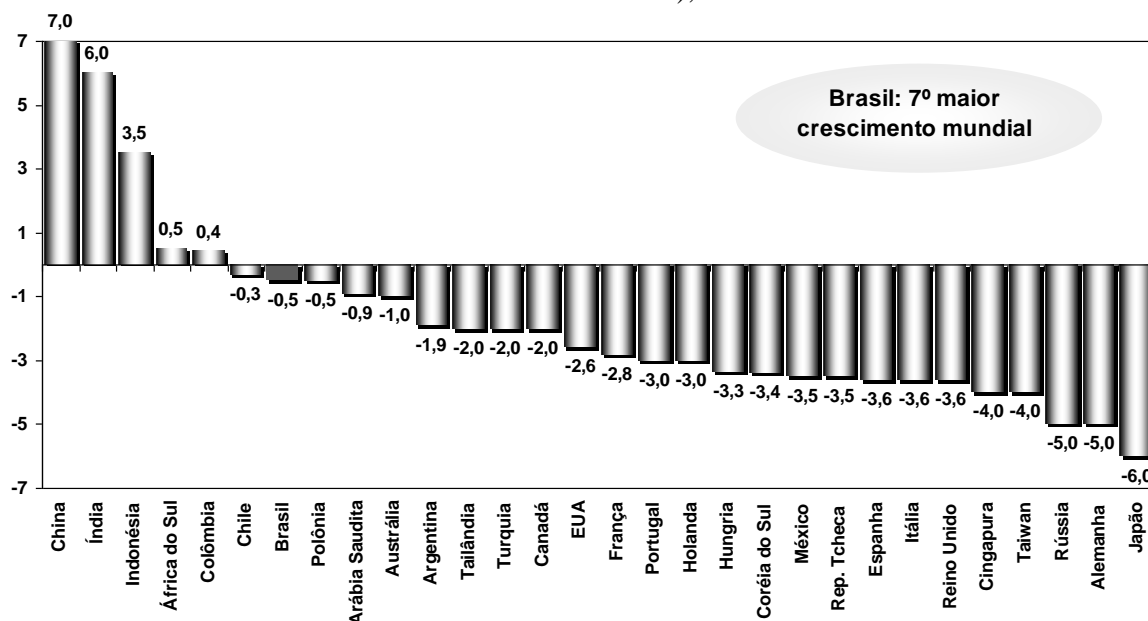
Sobre o “efeito de aceleração”, precisou que “gera assincronias e perturbações” na economia. “As assimetrias provocam atrasos e reduzem a capacidade competitiva, gerando ameaças”.

Toffler ainda chamou a atenção para o fato de “a capacidade de regulação à escala planetária esta chegando ao limite” e ironizou com o exemplo de que “há mais dinheiro circulando em transações internacionais do que os saldos nas contas dos bancos”.

Para o autor de “Riqueza Revolucionária” (*Revolutionary Wealth, 2006*), “a massificação é a oposição ao progresso e não a sua charneira”. Portanto, “os produtores viraram consumidores” (“prosumidores”, de “produtores + consumidores”), querendo se justificar por que é servido a seu comando”. Como exemplo, citou o caso das músicas descarregadas da Internet para um MP3 por um indivíduo, como se tratasse de um produtor, mas se serve como um consumidor, só que daquelas músicas de que mais gosta.

O modelo da 4ª onda está em “completa ruptura” com o tradicional, típico da 1ª onda (agrícola), com o “uniforme e repetitivo” da 2ª (industrial), que “teve expoente nas escolas e nas fábricas”, apresentando-se como “múltiplo e complexo”.

Gráfico 2: projeções crescimento mundial (30 países selecionados que representam cerca de 83% do PIB mundial), 2009.



Fonte: FMI, 2009.

Ao concluir, Toffler fez referência à “desarticulação das estruturas governamentais clássicas” e à emergência de outras, supranacionais, e/ou organizações não governamentais (ONG).

Uma sociedade é formada de indivíduos que se relacionam em função de certos padrões civilizatórios aceitos por todos. A Constituição deve conter as diretrizes gerais que, num processo democrático, norteiam as atividades, as aspirações, às crenças, os hábitos e até os sonhos, individuais ou coletivos (MAMIGONIAN, 2000).

Vivemos um momento em que as regras do jogo estão postas e em processo definido pela Carta Magna. Cabe, pois, avançar em direção ao futuro, sem medo, através da criação de uma sociedade estável, mais permeável às mudanças, que todos desejam, em busca de um projeto nacional, aos moldes dos anos de 1930, planejado, pensado, para todos os brasileiros, não só para uma pequena elite predatória.

Entender como o território mundial e brasileiro é usado, como é configurado, como são feitas as conexões territoriais, quem a controla, como o fazem e com que objetivo é um desafio grandioso e sedutor, que não se tem a pretensão de esgotar neste item.

E o Brasil? Aqui, nossa independência não se seguiu a nenhuma revolução burguesa, que já direcionasse um projeto nacional (burguês) para o país. Nem tão pouco ocorreu qualquer tipo de “despotismo esclarecido” que operasse, ainda que “por cima”, as necessárias

transformações sociais e econômicas capazes de modernizar o Brasil e fazê-lo contemporâneo do curso da história mundial país de desenvolvimento capitalista muito tardio, sempre fomos e continuamos a ser — apesar do tamanho do nosso território, dos nossos recursos naturais e da nossa população —, uma nação periférica no cenário mundial, adepto das potências do momento e em crise constante de identidade. As elites que permanentemente aqui hegemonizaram o poder — pois este até agora, jamais foi alcançado pelas classes populares — nunca programaram um projeto que resultasse num país próspero e independente, mesmo dentro dos marcos do regime capitalista. Lembro aqui que Lula e o PT em 2002 e 2006, apenas venceram as eleições, não chegaram ao poder! Agora em 2010 as correlações de forças se modificaram, o PT e as forças de esquerda avançaram, mas teremos que esperar a administração da Dilma, para poder avaliar. O governo Lula fez uma política externa agressiva, de aproximação da América Latina, África e Oriente Médio, além de uma política agressiva de comércio com a China, ver gráficos 3 e 4 que mostram claramente essa política de autonomia das amarras imposta pelo imperialismo dos EUA, além de uma política de relações internacionais autônoma, de protagonista, rompendo com a tradição brasileira de subserviência aos estadunidenses.

Houve poucas tentativas de mexer com as estruturas arcaicas e com os privilégios neste sentido se perderam muitas oportunidades históricas. Quem estuda a evolução econômica do Brasil percebe que problemas como crise cambial, inflação e dívida externa estão sempre presentes e entrelaçados. Tais problemas resultam de um regime capitalista deturpado, submetido aos interesses externos. Além das contradições e das mazelas normais do capitalismo, ainda tivemos de suportar uma permanente interferência das potências hegemônicas e do capital monopolista internacional na estruturação de nossa vida política e econômica. Ao longo de nossa história inclusive na fase capitalista mais recente, temos transferido uma parcela considerável das riquezas aqui criadas para as potências imperialistas, pelos mecanismos dos pagamentos de juros, das remessas de lucros, das trocas desvantajosas do comércio internacional, etc. Grande parte do excedente econômico (mais-valia) aqui gerado vai para fora e, em termos relativos, somente uma parcela reduzida deste excedente é reaplicada no Brasil. Isso talvez explique a necessidade do governo brasileiro criar o PAC.

Rangel genialmente interpretou nossa histórica crise assim

A evolução da economia e da sociedade brasileira tem seguido uma linha impecável, que procurei definir em meus trabalhos sobre "Dualidade Básica da Economia Brasileira" --- especialmente no livro com esse título, escrito por volta de 1953, não por certo, sem a colaboração de ilustres amigos do instituto Superior de Estudos Brasileiros (ISEB), notadamente nosso saudoso Alberto Guerreiro Ramos. Tratava-se da tese com a qual

canhestramente me candidatava ao provisionamento como economista, a qual somente seria aceita e publicada cinco anos depois. (...)

Ora, na transição de uma "Dualidade" para outra, a classe governante subalterna, na anterior "Dualidade", emerge como força hegemônica, enquanto a posição subalterna passa a ser ocupada por uma dissidência progressista da classe hegemônica do anterior pacto de poder. Com a Revolução de 30-37 – e consequente formação da "3ª Dualidade", a posição hegemônica passaria ao latifúndio feudal – enquanto o nascente capitalismo industrial (uma dissidência progressista do velho capitalismo mercantil) emergiria como sócio menor do novo pacto de poder.

Um capitalismo agrícola – em substituição ao latifúndio feudal – será uma mudança profundamente revolucionária, fazendo-se sob a hegemonia do capitalismo industrial, já agora plenamente amadurecido (RANGEL, 1992, p.7-9).

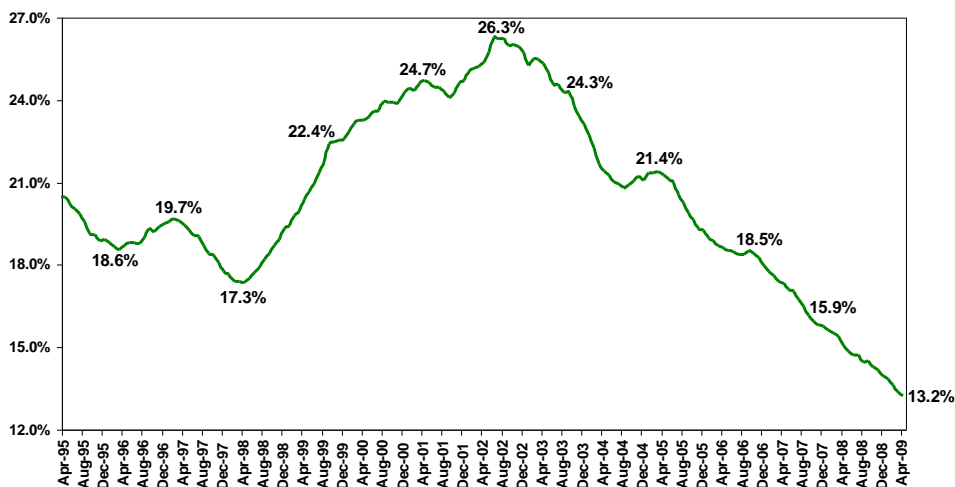
Após a reeleição de George Bush, Lula foi protagonista, na reunião do Grupo do Rio, do anúncio da criação da Comunidade Sul-Americana de Nações (CSAN). E ficou explícito que a ALCA não é prioridade regional, mas é importante colocar que a ALCA não é também mais objetivo central da política externa estadunidense como era há 10 anos. Quer dizer, as duas coisas de certa forma se estruturam paralelamente. Nem é interesse dos países da América do Sul um acordo de livre comércio com os EUA hoje, nem os estadunidenses têm interesse num livre comércio explícito com o bloco da América do Sul.

Os estadunidenses sempre vão, evidentemente, procurar vantagens comerciais em quaisquer espaços frente a outros concorrentes, — vide a guerra cambial imposta agora em 2010 contra a China, mas respingando no mundo todo — mas o objetivo central de estruturação de um bloco na América do Sul que possibilitasse aos estadunidenses acessos irrestritos aos recursos naturais da região deixou de ser prioridade dos Estados Unidos desde 1997. Porque até 1997 o continente americano tinha recursos suficientes para garantir sua hegemonia. E as descobertas de que o petróleo desse continente representa só 14% das reservas mundiais e que os EUA consomem de 25% a 30% do petróleo mundial levaram os estadunidenses a mudarem sua estratégia. E a ALCA deixou de ser prioridade como era em face da incapacidade provedora de petróleo no continente americano aos Estados Unidos priorizam a Ásia Central. Mas com a descoberta do Pré-Sal a história mudou de conversa, os EUA já reativaram a 4ª Frota em junho de 2008.

Para o desenvolvimento brasileiro e sul-americano, — defendia Darc Costa em 2003 — é necessária a construção de um Mega-Estado na região. Para Darc,

O Brasil é imprescindível, e esse é um movimento que se observou na história dos Estados nacionais. Não é uma coisa do século XXI. Já aconteceu no final do século XIX. Dois Estados nacionais se construíram pela junção de pequenos Estados, como é o caso da Alemanha e da Itália. E esse é um processo que tem como objetivo construir capacidade competitiva em nível mundial (COSTA, 2003).

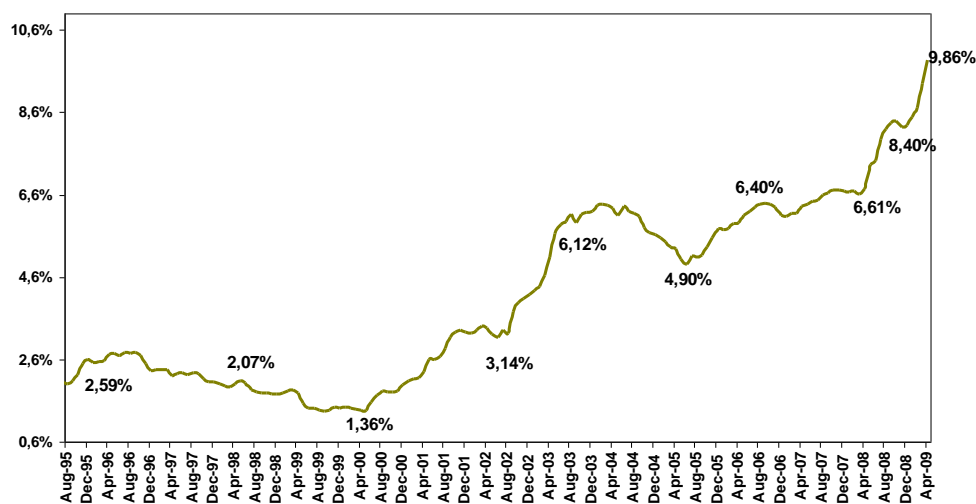
Gráfico 3: peso dos EUA na pauta de exportação brasileira 1995 – 2009.



Fonte: BCB, SECEX, 2009.

Para enfrentar os EUA, temos que estruturar um mercado de tal forma a ter escala suficiente para colocá-lo no comércio internacional, aí nosso mercado passa a ter significado. Com o avanço da tecnologia hoje, ou se estruturam mercados com grande capacidade de recursos e população ou não se terá condições de concorrer nas tecnologias de ponta, porque elas são tecnologias em escala intensiva.

Gráfico 4: peso da China na pauta de exportação brasileira 1995 – 2009.



Fonte: BCB, SECEX, 2009.

Para tanto os países pequenos ou se unem ou ficam na periferia. Foi essa leitura que levou à criação da União Europeia. A União Europeia é uma realidade em função da necessidade do mercado. Na interpretação de Darc Costa, a integração da América do Sul

decorre necessariamente do espírito da época. E o espírito da época de hoje, não é a globalização, e sim a regionalização, muito diferentemente do que o *establishment* vem afirmando. E para se levar essa proposta adiante é preciso coragem, e de alguém que evidentemente tenha poder para construir esse processo. Na América do Sul só temos o Brasil com força suficiente para fazer isso. Lula em sua política externa sinalizou para essa mudança, em oito anos de governo reverteu à dependência e fragilidade externa brasileira, principalmente com os EUA, verificar nos gráficos três e quatro.

11. Globalização: território usado uma interpretação segundo Milton Santos.

Para Milton Santos (2001), o território não é apenas o conjunto dos sistemas naturais e de sistemas de coisas superpostas. O território tem que ser entendido como o *território usado*, não o território em si. Antes, era o Estado que definia os lugares. O Território era a base, o fundamento do Estado-Nação que, ao mesmo tempo, o moldava. Com a globalização, passamos da noção de território “estatizado”, nacional, para a noção de território “transnacional”, mundial, global.

Milton propõe que o “território usado” seja compreendido como uma mediação entre o mundo e a sociedade nacional e local, e assumido como um conceito indispensável para a compreensão do funcionamento do mundo presente.

(...) território usado é um recurso, garantia da realização de seus interesses particulares. Desse modo, o rebatimento de suas ações conduz a uma constante adaptação de seu uso, com adição de uma materialidade funcional ao exercício das atividades externas ao lugar, aprofundando a divisão social e territorial do trabalho, mediante a seletividade dos investimentos econômicos que gera um uso corporativo do território. (...) as situações resultantes nos possibilitam, a cada momento, entender que se faz necessário considerar o comportamento de todos os homens, instituições, capitais e firmas (Santos; p.53-57: 1996).

Em outras palavras, o território também pode ser definido nas suas desigualdades a partir da ideia de que a existência do dinheiro no território não se dá de forma homogênea. Existem áreas de concentração de capital e áreas de rarefação do dinheiro. Todavia, o comando da atividade financeira não está ali onde o capital está concentrado momentaneamente, mas, sobretudo, o comando se dá a partir do dinheiro global.

Antes, era o Estado que definia os lugares. O Território era a base, o fundamento do Estado-Nação que, ao mesmo tempo, o moldava. Com a globalização, passamos da noção de território “estatizado”, nacional, para a noção de território “transnacional”, mundial, global.

Milton (2000) propôs que o “espaço geográfico” (sinônimo de “território usado”) seja compreendido como uma mediação entre o mundo e a sociedade nacional e local, e assumido como um conceito indispensável para a compreensão do funcionamento do mundo presente.

Ele chama atenção para o novo funcionamento do território, através de horizontalidades (ou seja, lugares vizinhos reunidos por uma continuidade territorial) e

verticalidades (formadas por pontos distantes uns dos outros, ligados por todas as formas e processos sociais).

O território, hoje, pode ser formado de lugares contíguos e de lugares em rede: as redes constituem uma realidade nova que, de alguma maneira, justifica a expressão verticalidade. Mas além das redes, antes das redes, apesar das redes, depois das redes, com as redes, há o espaço de todos, todo o espaço, porque as redes constituem apenas uma parte do espaço e o espaço de alguns. São, todavia, os mesmos lugares que formam redes e que formam o espaço de todos.

Mundo e lugar se constituem num par indissociável. O lugar é o papável, que recebe os impactos do mundo. O lugar é controlado remotamente pelo mundo.

Mas esse mesmo lugar é também o espaço da existência e da coexistência. No lugar, portanto, reside a única possibilidade de resistência aos processos perversos do mundo, dada a possibilidade real e efetiva da comunicação, da troca de informação e da construção política.

Como Milton faz sua síntese da Globalização;

- a) **Globalização como Fábula:** Porque é uma metáfora, como bem definiu o prêmio Nobel de economia, J. K. Galbraith, sendo tratada como fetiche, alienação, manipulação, ou seja, a modernidade tecnológica possibilita essa alienação, uma vez que amolece os sentidos, tornando-os relaxados para a realidade. Metáfora garantida e alimentada diariamente pela mídia de aluguel, pela máquina de propaganda, que chamamos pelo nome de ideologia.
- b) **Globalização como Perversidade:** Tirania do capital e da informação que criaram um mercado mundial pasteurizado, isso é, homogeneizado, onde as diferenças locais são aprofundadas, e o consumo é estimulado. O Estado (governo federal) deve ser forte para atender os reclames do capital, mas as populações, os cidadãos são deixados de lado. AMI e aprovação da rodada de Doha da OMC. Mecanismos que geram a exclusão e o privilégio, ou seja, cria uma classe média (A; B; C; D; E), ou seja, faz a despolitização, no lugar de unir as pessoas para defenderem seus direitos, garantir os avanços sociais, cria uma classe de privilegiados consumidores que iram lutar desesperadamente para manter seus privilégios de consumidores. Negando a possibilidade da cidadania.
- c) **Globalização como Possibilidade:** Trabalhar para as transformações da realidade social, acreditar que um outro mundo é possível, FSM, ATTAC, (taxação do dinheiro especulativo que circula durante as 24 horas do dia, pulando de Bolsa em Bolsa ao redor do planeta, uma espécie de CPMF mundial, a chamada taxa Tobin). Acreditar na possibilidade de Conhecer o planeta, acreditar na ciência como progresso das

técnicas para servir a sociedade, e não colocar as técnicas para se servir da sociedade. Acabar, banir o *marketing* de guerra, se o mercado encolheu devo roubar o cliente do concorrente alicerçado no tripé neoliberal de;

- Flexibilidade; (dos direitos trabalhistas, das garantias de seguridade social, etc.)
- Produtividade; (qualidade total, automação e desemprego)
- Competitividade; (mais lucro com menos trabalho, menor preço maior lucro), traduzida também como o nome de; – Guerra dos Lugares – Guerra Fiscal;

Destruição criadora para destruição não criadora. Por exemplo, a implantação do Consenso de Washington (desregulação total do mercado, Fim do Estado e Liberdade total de comércio), mas com leis que cada vez mais dificultam a circulação das pessoas entre as Nações. Só as mercadorias e o Mercado são livres!

Bem aqui apresentei uma síntese das minhas reflexões, baseadas nas análises reflexivas de Santos, Toffler e Chandler, principalmente. Apresento a seguir novas contribuições para ajudar a desvendar esse quebra cabeças do mundo atual, essas novas reflexões além de fazer uma análise crítica, também fazem contribuições para sua transformação, análises que pretendo abordar num outro texto.

Quatro dos mais ativos interpretes da atualidade são; Daniel Bensaid são várias suas análises, uma das mais importantes é (Marx O Intempestivo); outro importante militante é John Holloway com seu (Mudar o mundo sem tomar o poder) outro lutador é Domenico Losurdo com seu (Liberalismo: Entre Civilização e Barbárie e A Linguagem do Império). E finalizando Giovanni Arrighi com seu (Adam Smith em Pequim).

REFERÊNCIAS

ADORNO, T. W. e HORKHEIMER, M. *Dialética do esclarecimento*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1985

ARRIGHI, G. *O longo século XX*. Rio de Janeiro: Contraponto Editora, 1996.

BERMAN, M. *Tudo o que é sólido desmancha no ar*. São Paulo: Companhia das Letras, 1988.

BRILLOUIN, L. [1956]). *La science et la Théorie de l'Information*. Paris: Éditions Jacques Gabay, 1988.

CHANDLER, A. *Strategy and Structure*. Massachusetts: MIT Press, 1962.

_____. *The visible hand: the managerial revolution in American Business*. Cambridge: Belknap Press, 1977.

- _____. *Escala e escopo: A dinâmica industrial*. Cambridge: Belknap Press, 1990.
- CROCETTI, Z. S. *Geografia do neoliberalismo*. Anais do 1º ENSULGEO. Curitiba: AGB/Curitiba, 2003.
- _____. Globalização, tecnologia, neoliberalismo e poder. *Revista Paranaense de Geografia* n.º 02, p. 31-39. Curitiba: Editora: Letra das Artes, 1997.
- DOBB, M. *A Evolução do capitalismo*. Rio de Janeiro: Zahar, 1979. 9ª edição.
- DRUCKER, P. *Desafios gerenciais para o Século XXI*. São Paulo: Pioneira, 1999.
- DRUCKER, P. *Sociedade pós capitalista*. São Paulo: Pioneira, 1999.
- DRUCKER, P. *Administrando para o futuro: os anos 90 e a virada do século*. São Paulo: Pioneira, 1998.
- FORRESTER, V. *O horror econômico*. São Paulo: EDUNESP, 1997.
- GORZ, A. *Adeus ao proletariado*. Rio de Janeiro: Editora Forense, 1982.
- HOBBSBAWM, E. *A crise do capitalismo e a importância atual de Marx*. São Paulo: Carta Maior, 29/09/2008.
- HOBSON, J. A. *Estúdio del imperialismo*. Madrid: Alianza Universidad, 1981.
- LENIN, V. I. *As tarefas imediatas do poder soviético*. In LENIN, V. I. *Obras Escolhidas*, 3 vols. São Paulo: Editora Alfa-Omega, 1980.
- _____. *Imperialismo, fase superior do capitalismo*. São Paulo: Centauro, 2005.
- LOJKINE, J. *A revolução informacional*. São Paulo: Cortez Editora, 1995.
- MARX, K. *O Capital: crítica da economia política*. São Paulo: Abril Cultural, 1983.
- MARX, K. e ENGELS, F. *La ideologia alemana*. Buenos Aires: Ediciones Pueblos Unidos, 1973.
- MAMIGONIAN, A. *Marxismo e “Globalização”*: *As origens da Internacionalização Mundial*. In: SOUZA, Á. J. et. al. (org.). *Milton Santos Cidadania e Globalização*. Bauru: Saraiva, 2000, p. 95-100.
- MORAES, A. E. *Acertos e desacertos da globalização*. Folha S.Paulo, 23-11-1997, p. 2.
- ORTEGA Y GASSET, J. *A Rebelião das massas*. São Paulo: Martins Fontes, 1987.
- RANGEL, I. *As crises Gerais*. *Revista de Economia Política*. v.12, n.2 (46), 1992.
- ROSSI, P. *Os filósofos e as máquinas*. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.
- SANTOS, M. *A natureza do espaço*. São Paulo: Hucitec, 1996.
- _____. *Por uma outra Globalização: do pensamento único à consciência universal*. São Paulo: Record, 2000.
- SCHUMPETER, J. A. *Teoria do desenvolvimento econômico*. São Paulo: Abril Cultural, 1982.

SWEEZY, P. M. *Teoria do desenvolvimento capitalista*. 6. Ed. Rio de Janeiro: Zahar, 1985.

TOFFLER, A. *O Choque do futuro*. 4. Ed. Rio de Janeiro: Record, 1970.

_____ *A terceira onda*. 17. Ed. Rio de Janeiro: Record, 1980.

_____ *Riqueza revolucionária: o significado da riqueza no futuro*. São Paulo: Futura, 2007.

WALLERSTEIN, I. *Capitalismo histórico e civilização capitalista*. Rio de Janeiro: Contraponto, 2001.